

TRINHA LIVE

A Biblioteca Pública de
Braga

13
JANEIRO
1973

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Somos um Concelho em progresso, Caminhando, a passos rápidos, para a solução dos seus grandes problemas

De um atrazo que era de autêntica vergonha, sem paralelo no Distrito e difícil de igualar em qualquer parte, caminhamos rapidamente para a solução dos grandes problemas concelhios, numa arrancada de que poucos se podem orgulhar.

Em pouco mais de dois anos traçaram-se horizontes novos que levarão à solução dos grandes problemas, num arrojado programa que tem por fundo o milagre de se realizar sem que haja dinheiro nos cofres da administração local.

Sem plano de urbanização, sem um simples levantamento topográfico, com repartições instaladas em edifício arruinado, sem hospital ou serviços de saúde, sem vestígios de ensino preparatório, com os orgãos da Lavoura definhados e condenados, com os cofres municipais vazios e com um efervescente descontentamento que não mal nos situava além raia concelhia, se colocou a administração ao ombro de dois jovens há meses saídos dos bancos universitários.

Surgiram, então rapidamente, os levantamentos topográficos, os planos parcelares de urbanização, os projectos e pedidos. Foram chamados à colaboração os mais válidos reformando-se estruturas que de há muito pediam saneamento. Pouco tempo volvido, todos os sectores de projecção concelhia desde a política, ao administrativo e corporativo, à saúde e assistência, aos organismos de carácter social, humanitário, desportivo ou de imprensa, passaram a constituir um todo unido em que não há tergiversações ou reticências.

Ainda agora, numa forma

marcante e incontroversa, isso se verificou com acrisolado sentido em simples mas significativo acontecimento.

O triste cenário de há dois anos encontra-se hoje, e felizmente, ultrapassado em todos os aspectos. As notícias hoje dadas quanto à compra dos terrenos da Cooperativa e da cedência dos terrenos para o Palácio da Justiça, juntas ao mil gre das instalações do Ciclo Preparatório, à beleza e funcionalidade do Centro de Saúde, e às novas instalações para o Hospital, são realidades palpáveis e irrefutáveis.

Os 3.000 contos de obras

decorrentes em estradas municipais, os pedidos de participação para outras que somam muitos milhares são outros testemunhos vivos.

Mas tanto ou mais do que isso é o clima de esperança que reina e que leva aos maiores cometimentos, entre os quais é justo salientar essa obra grandiosa que é a Cooperativa Agrícola e a indústria a instalar pela Sociedade Agro-Industrial, iniciativas que têm à sua frente o sr. de Joaquim Pereira da Silva, um nome grande na indústria e na sociedade portuguesas e que ao

«Continua na 4.ª página»

Os Estados Unidos da Europa?

O ano principiou com festejos carnavalescos. Pelo menos assim se viu. Em Inglaterra há 11 dias de festa pelo facto de ter começado aquela nação a colaborar no Mercado Comum. Sinto-me impensadamente retrógrado quando penso no entusiasmo de tal conquista. Dá a impressão que a Grã-Bretanha era um membro imprescindível, senão o Mercado Comum deixaria de gozar daquele prestígio que alcançara durante vinte anos. E não compreendo!

Compreendo, porém, que as treze nações aglomeradas na organização (e treze é número aziago) estão a evoluir para uma organização política e não só económica como a princípio se fazia notar. Aí é que está o busilis, pois da Alemanha vem a achega de que os seus governantes (integrados no Mercado Comum) pretendem nesta década a integração da Europa,

politicamente isto é: pretendem os Estados Unidos da Europa. E já acenam com números astronómicos de população, computando a comunidade em 250 milhões de europeus.

Preconiza-se, para já, e até se defende sistematicamente (para já, digo eu) a independência de cada país, formando assim um Estado Federal, com plena soberania dos seus membros nas questões especificamente nacionais...

Ora, a Federação preconizada, para já, com 250 milhões de habitantes, prontos a jogar a sorte perante as super potências, é um modelo interessante, mas um tanto difícil de assimilar pela massa-padrão, ainda ancestralmente imbuida de Pátria e essa bastante difícil de alienar.

Bem se sabe que economicamente a ideia à primeira vista parece interessante.

«Continua na 4.ª página»

Recordando o Conde de Monsaraz

O centenário do nascimento do Conde de Monsaraz traduziu, na altura, um acto de plena justiça, na exaltação da memória de um dos mais perfeitos intérpretes do lirismo lusitano. Não é vasta a sua obra poética, mas, indiscutivelmente de grande densidade literária e eufonia formal.

Quando em 1876 se estreou com o volume de versos *Crepusculares*, logo se impôs como uma esperança segura do neo-lirismo oitocentista, tornando-se os seus poemas a breve trecho, os favoritos de quantos ansiavam pela renovação dos moldes convencionais.

O seu definitivo triunfo nas letras só foi, porém, alcançado em 1880, em Coimbra, quando à Sala dos Ca-

pelos da Universidade foi recitar, por ocasião do Centenário de Camões, o seu poemeto Catarina de Ataíde, que fez vibrar, num delírio de aclamações, a alma de toda a assistência. Desde então o seu nome ficou consagrado como o de um dos primeiros trovadores da sua geração.

Em 1882, por ocasião do Centenário do Marquês de Pombal, publica *O grande marquês*, outro poemeto, e logo a seguir *A lenda do jesuitismo*, ambos reunidos no volume *Telas Históricas*. Mais tarde escreve *o último romântico* e *Páginas Soltas*, e

Continuana 4.ª página)

5.ª COLUNA

Vão ser entregues os 1.600 contos dos terrenos para a Cooperativa Agrícola

Os incrédulos podem começar a crer. Já estão entre nós, prontos a ser entregues aos proprietários, os 1.600 contos que custam os terrenos em que se vão instalar os serviços da Cooperativa Agrícola de Amares.

Já estaria feita a escritura se não fora uma diligência da última hora para que se verifique a isenção da sisa.

Mas não há prejuízo para os andamentos ulteriores nestes poucos dias de espera, pois como todos podem ver os técnicos andam pelos terrenos dos sócios a fazer os estudos para o segundo passo, que é o que vai dar mais na vista.

E depende deste estudo que os interessados entrem já ou num futuro próximo para a Cooperativa. Aqueles que ficaram de fora, isto é, os que se não relacionarem desta feita, certamente que não podem esperar por receber os serviços tão cedo — e é pena, quanto a alguns, até porque a crise é de abundância, não de carístia.

Hoje, Leitor, sou capaz de lhe desagradar. O tema não será do seu agrado. Acredito! Mas, paciência. Com isto não quero dizer que o meu querido Leitor não reconheça a Literatura como veículo de instrução e, às vezes, até de educação. Mas hoje amase pouco a Literatura. É uma coisa aborrecida, pelo muito que se tem escrito sobre o assunto e pelo pouco que se pode ler, dada a velocidade da existência, em grande, com quilómetros a percorrer de automóvel todos os dias, o cansaço que surge no fim do dia, etc., etc.

Seja como for, há dias encontrei um amigo (e aqui o amigo vai com autoridade) que me ofereceu a sua mão em acordo com aquilo que eu dissera há 10 anos e também há seis anos, a respeito da Sociedade de Escritores, que nesta data fora encerrada por ordem das autoridades, a propósito da publicação do «Luuanda», de Luandino Vieira, obtendo o 1.º prémio daquela sociedade. Tudo correu comigo, todos me apodaram de insatisfeito (até a verdade é essa; ainda hoje estou) mas reconhecem hoje, que o livro foi reeditado e está à venda, que eu

(Continuado da 1.ª página)

Terrenos para o Tribunal da Comarca

Só uma exigência incómoda impediu que esta semana fosse feita a escritura da cedência dos terrenos para o Tribunal da Comarca. Esperamos, contudo, que o assunto estará por poucos dias.

Recordando o Conde de Monsaraz

(Continuado da 1.ª página)

traduz do francês o drama de Coppée — Severo Torelli, além de outras peças de nomeada.

Em 1908 publicou ainda a famosa *Musa alentejana*, onde a grande província, a que ele se honrava de pertencer, é cantada e sentida em estrofes que muito brilham na poesia contemporânea. A esse volume — que inclui quadros de admirável descritivo, como as Mondadeiras, sonetos como A Calma, os Bois, etc., que só podiam sair da pena dum verdadeiro artista, como diz um dos seus críticos — incorporou o autor o poemeto *Benvinda*, composto em 1902, e que ficou como uma das mais belas e sugestivas peças. Era um artista delicado, que punha grande cuidado e empregava uma técnica requintada em burilar os seus versos, sempre harmoniosos e inspirados.

A sua casa de Lisboa tornou-se por muito tempo uma espécie de cenáculo dos

principais vultos das letras do tempo. Por ela passaram, frequentando os seus serões, entre outros, Pinheiro Chagas, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Teixeira de Queiroz, Gonçalves Crespo, António Cândido, Fialho de Almeida, Júlio César Machado, Latino Coelho, D. João da Câmara e sobretudo Cesário Verde por quem professou a mais terna amizade e a quem consagrou, por ocasião da sua morte prematura, notável elegia.

O Conde de Monsaraz (António de Macedo Papança), nascido a 18 de Julho de 1852 em Reguengos de Monsaraz, era formado em Direito pela Universidade de Coimbra.

Representou algumas vezes, como deputado às Cortes, o círculo da sua terra natal e foi elevado ao pariatto em 1898. Faleceu a 17 de Julho de 1913.

Rocha Casal

Admissão de sócios no Grémio do Comércio de Brage

Em consequência das diligências levadas a efeito pela Comissão Administrativa do Grémio do Comércio de Braga no sentido de promover a inscrição do maior número possível de comerciantes contribuintes como sócios daquele organismo, é já superior a 400 o número dos que responderam positivamente.

Recordase que até há pouco tempo, em 2642 comerciantes existentes na área do Grémio (concelhos de Braga, Amares, P. de Lanhoso, T. de Bouro, Vieira do Minho e Vila Verde), apenas 567 eram sócios.

Os comerciantes inscritos na categoria de contribuintes podem ainda pedir a sua inscrição como sócios, na Secretaria do Grémio ou pelo correio.

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Maternidade em Rendufe

Faz anos no dia 28 do corrente a senhora D. Maria Gomes Ribeiro, casada com o sr. Domingos Fernandes, industrial de serralharia artística.

É mãe de 11 filhos e gosa de uma juventude que se confunde no meio da sua prole feminina. O sacrifício sofrido para por em andamento tanta gente que louva a família e a Pátria merece de todos muito respeito e do Governo uma assistência e até uma condecoração pelo seu heroísmo e devoção aos preceitos morais de que o casamento se reveste.

Se temos em Portugal um Instituto maternal ou coisa parecida para proteger os casais prolíferos, esta senhora e muitas outras só foram visitadas pela enfermeira-parteira por serem chamadas e a quem pagaram. Visitas oficiais e condecorações por obras valorosas não tem faltado mas com respeito a senhoras que enriquecem o país com elementos valiosos, como a parturiente de Rendufe, nada se tem visto para estimular muitos outros que regeitam o sacrifício. Ser mãe de 11 filhos é ter verdadeira devoção ao sacrifício para alcançar a recompensa que só Deus lhe poderá dar. O aniversário desta senhora D. Maria será o momento mais feliz da sua vida porque vai receber dos rebentos da sua árvore geneológica o perfume suave do carinho e da gratidão pelos sofrimentos que passou para os apresentar na sociedade que os estima pela sua educação.

Tribuna Livre deseja compartilhar da alegria que haverá nessa casa no dia 28 e apresenta à distinta família as mais efusivas felicitações.

Elísio Gonçalves

EM AMARES (Feira Nova)

ALMOCE OU JANTE

NO RESTAURANTE

«MIHOREI»

Café — Snack — Bar

Casamentos - Baptizados - Festas elegantes

Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162

AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

«—Mas por que não querem as outras crianças brincar com a minha irmã, quando eram sempre elas que a preferiam entre todas para os seus folguedos?»

E Dolores, querendo certificar-se, pegou na irmã pela mão e dirigiu-se para o grupo dos pequenitos. Mal sabia, porém, a decepção que a esperava!

Então, os garotos, ao verem que Dolores se encaminhava para eles levando a Carmencita pela mão, afastaram-se rapidamente. Mas Dolores alcança-os e, pegando por um braço a uma pequenita, pergunta-lhe:

—Porque se afastam?... Porque não querem brincar com a minha irmã!...

—Porque vocês são filhas de um presidiário, de um condenado!... As crianças como a Carmencita não podem conviver com os filhos das pessoas honradas e decentes!

—Mas, que culpa temos nós... — ia a dizer Dolores.

Não pode acabar a frase. Nesse momento, os antigos amigos, rapazes e raparigas, antigos companheiros de brinquedos da sua irmãzinha, voltaram-se para elas e gritaram em coro:

—Filhas do presidiário!... Filhas do condenado! Gritamos bem alto, para que fiquem sabendo que nenhum de nós quer brincar com vo ês!

E, redobrando de gritaria, repetiram, em tom de escárneo:

—Filhas do condenado!... Filhas do presidiário!...

Pela primeira vez na vida, a pobre Dolores sentiu toda a amargura do desprezo, toda a dor daquela vergonha, toda a injustiça daquela acusação. E em vez de protestar contra essa maldade dos companheiros da véspera, a quem sempre estimara, rompeu a chorar, amargamente, e apertando a irmãzinha contra o peito, disse-lhe, entre soluços:

—Estamos sós e desamparados no mundo, minha Carmencita!... Todos se afastam de nós!... Como vai ser triste o nosso futuro, minha irmã! Como vai ser dura a nossa vida!

E a pobre Lolita, espécie de «Mater-Dolorosa», sentindo bem dentro da alma toda a amargura das próprias lágrimas, dirigiu-se para

casa, murmurando:

—Não poderemos mais viver em sociedade... Todos fugirão de nós; querida irmã, porque o nosso bom pai está na prisão! Ninguém quer conviver connosco...

—isso, não! Nunca, querida Dolores! — gritou uma voz junto dela — Eu hei-de querer-te sempre, sempre, entedes?!... Quanto aos outros, vais ver!...

Era Mário que assim falava. Um amiguinho das duas irmãs, que teria uns quinze anos. Mário, que se apiedara delas; Mário, que imediatamente correu sobre o grupo dos rapazes que tão gravemente haviam ofendido as suas amiguinhas, dispersando-os corajosamente a murro. E logo, voltando para o lado de Dolores, afirmou:

—Ouvem?... Não estão sós no mundo, não! Eu não as abandonarei nunca!

Oito anos depois deste terno episódio, Mário regressava de África a bordo de um vapor que os conduziria a Málaga com outros repatriados, soldados que tinham lutado nas inóspitas plagas africanas.

Sobre a coberta do barco, os soldados entregavam-se aos seus pensamentos de amor, aos seus sonhos mais queridos, recordando com infinita alegria os amigos e as famílias, e que dentro de poucas horas tocariam a terra sagrada da Pátria que amavam desveladamente. E nem sequer sentiam a necessidade de dormir!

Junto à ponte, sobre a coberta, um moço andaluz erranhava na «guitarra» (1) e um rapaz aragonês cantava trovas, no meio de um círculo formado pelos companheiros.

Mário, ao lado de um velho marinheiro, pensava também nos seus amores, recordando a sua mãe, a sua noiva, essa querida Dolores, filha do condenado.

Ouvia o lamento queixoso da guitarra, quando a voz varonil do aragonês lançou ao ar esta quadra.

«Muitas espécies de amores
o mundo inteiro contém...
Mas há um só verdadeiro,
que se chama amor de mãe!»

O velho marujo do cachimbo, que até então se conservava
(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Doenças incuráveis

Em Portugal, quando julgávamos que todos os doentes que sofrem de paixões políticas, estavam curados, aparecem ainda muitos que precisavam de ser internados. Rebutaram bombas explosivas em Lisboa que provocaram pânico e feriram crianças inocentes. Não sabemos o resto do programa nem quem virá a sofrer, estando à solta os autores do grave crime contra a segurança e paz da nossa Pátria.

Não pode haver contemplanções. Urge tomar medidas severas e eliminar do convívio social os elementos perniciosos. Já não serão autoridades que tem de zelar pela segurança da Pátria. Todos temos a obrigação de procurar saber quem são os assassinos dos portugueses que vivem dentro do paiz verdadeiramente admirados como ainda existem homens sem o mínimo respeito pela vida do semelhante.

Não podem invocar razões que os levem a praticar actos de verdadeira loucura. O governo esforça-se pelo bem estar geral da Nação, a ninguém nega o seu auxílio e todas as classes trabalhadoras testemunham que a vida do trabalhador português é um património Nacional. Portanto, o que está a acontecer é um caso sério de anormalidades psíquicas provocadas por paixões que exigem um imediato lamento, sem contactos, para não haver transmissão de semelhante flagelo social.

Tudo o português que tenha idade para ter vivido os panoramas políticos a começar em 1910, tem que dar graças a Deus por ainda poder em 1973 fazer uma comparação e para poder condenar os abusos praticados em 16 anos à sombra de uma liberdade que nunca existiu. Mataram-se os fundadores da República e também se mataram as ideias democráticas e enquanto se não souber aproveitar os benefícios da liberdade, a democracia não pode ressurgir. Embora longe do local onde se verificou o triste acontecimento, eu sinto os tristes efeitos externos do desprestígio da própria raça pelos selvagerios praticados sem desculpa nem motivo que justificasse essa atitude, se eram portugueses esses assassinos.

Cinema Religioso

Tudo o que possa concorrer para a desseminação e compreensão do Religião Católica deve ser posto em prá-

tica. As imagens sugestivam o espírito de toda a gente com qualquer grande cultura. É bem preciso que a Igreja acenda as suas luzes, mostre a claridade dos argumentos que a enriquecem para que não hajam pobres de espírito nem desculpa para os ignorantes. Muitas reformas sofridas com o Concílio Ecuménico, não prejudicaram a doutrina divina, mas estabelecem confusões que os leigos compreenderão se a palavra do clero for intercalada com exposições filmadas. A freguesia de Carrizado acaba de dar o exemplo. Tres sessões cinematográficas foram contemplados por centenas de pessoas, algumas de Fé abalada pelos cismos espirituais dos concílios Romanos. Píram mais crentes e convencidas desnecessidades das reformas que não substituíram o Verdadeiro Deus nem os frutos do Seu prodígio, de uma Natureza que só a Ele pertence. Continuemos a trilhar os caminhos da vida indicados pela Igreja até que o campanário nos chame para sabermos desvendar os mistérios em que andamos envolvidos que são uma das fortes razões da nossa felicidade.

Feleceitamos o padre Fernando por ter tido a feliz ideia de procurar instruir os paroquianos para que, como pastor, não seja responsável por qualquer «ovelha» tresmalhada do «rebanho».

Novo médico

O Dr. Luís Antunes Gonçalves formou-se em médico pela U. de Coimbra. Veio enriquecer o concelho e alegrar o coração dos habitantes por verem que ficam com um elemento indispensável nas horas graves das aflições. Do seu talento não duvidamos porque está abalizado por seu pai, o médico Dr. Eduardo Gonçalves, apontado no concelho por toda a gente que a ele tem recorrido, verdadeiro apóstolo do sacerdócio medicinal que o ocupa e preocupa há mais de 40 anos.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carrizado Amares

Telefones dos Bombeiros V. de Amares
62162

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã, dia 14, passa mais um aniversário natalício o nosso assinante sr. Manuel A. Alves Vitoriano.

Neste dia festeja também o seu aniversário o sr. Basílio da Silva e o nosso camarada gráfico sr. Manuel da Silva Gomes.

No dia 15 o sr. João Baptista Rodrigues saraiva e a menina Maria Filomena de Sousa A. Meneses.

Neste dia passa também o aniversário do nosso estimado assinante sr. Manuel Fernandes, ausente no Canadá.

No dia 16 a sra. D. Izabel Barbosa de Macedo, o snr. José Joaquim da C. Azevedo e no dia 19 o snr. António Joaquim Araújo.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

Para a Guiné

Partiu há dias para a Guiné o soldado-comando sr. José Cardoso, natural desta vila.

Desejamos-lhe que passe o tempo bem passado, e que, quando regressar, se lhe veja no rosto a satisfação do dever cumprido.

DA GUINÉ

Natural de S. Vicente do Bico, escreve-nos o nosso assinante sr. Fernando Pereira que deseja a todos os familiares e amigos um Próspero Ano Novo.

AGRADECIMENTO

A família de Luís da Silva (Luís da Levada) carpinteiro, recentemente falecido, vem por este meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que, de qualquer modo, lhe manifestaram o seu pesar pelo desaparecimento prematuro deste seu ente querido.

Penhoradamente
A Família

TRIBUNA DESPORTIVA

F. C. AMARES

CAMPANHA DE AUXILIO

Transporte do número anterior:

Dr. José Fernandes	200\$00
António da Mota Alves (Caldelas)	200\$00
Domingos Rodrigues	200\$00
António Ramos	100\$00
António Geraldino Meneses	100\$00
Tomé Gonçalves Macedo	100\$00
Naciso Jose Gonçalves	100\$00
Mário Abreu Dias (Braga)	100\$00
Joaquim de Barros	100\$00
José Maria Gomes	100\$00
Manuel Cunha (Amares)	20\$00
Domingos Silva	500\$00
José João Ramoa	500\$00
José do Espírito Santo Costa	100\$00
José Pinheiro (Caires)	20\$00
Arnaldo da Silva Tomé	100\$00
Abel Sepúlveda Dias	100\$00
António Santos Barros	100\$00

Admissão de guardas na P.S.P.

Tendo em vista permitir aos Cabos, Soldados e Marinheiros, recentemente regressados do Ultramar, uma rápida admissão na polícia, que lhes permitirá beneficiar das regalias concedidas recentemente ao pessoal desta Corporação, é aberto um CONCURSO EXTRAORDINÁRIO PARA GUARDAS DA P. S. P., estando previsto que as provas de admissão se realizem no dia 28 de Janeiro de 1973 e que o alistamento tenha lugar em meados do mês de Fevereiro seguinte.

Os Cabos, Soldados e Marinheiros, que não tenham prestado serviço no Ultramar, poderão também concorrer, para eventual completamento do contingente a alistar.

As condições de admissão, programa do concurso, bem como as normas da documentação a apresentar, podem ser consultados no Comando-Geral da P. S. P., Av.ª António Augusto de Aguiar, n.º 18, em Lisboa ou ainda em qualquer Comando Distrital de Polícia, nas sedes do Concelho onde existam Secções, Esquadras e Postos Policiais, ou solicitadas por carta dirigida ao referido Comando-Geral.

Os documentos podem ser enviados ao Comando-Geral da P. S. P., sob registo do correio, ou entregues directamente em qualquer Comando da Polícia, nas secretarias das Unidades Militares ou das Câmaras Municipais.

As provas do concurso terão lugar nas sedes dos distritos onde os candidatos tenham o seu domicílio habitual, ou em qualquer outro distrito se assim o declararem nas suas pretensões.

Durante a instrução em Escola de Alistados, de doze a catorze semanas, os candidatos incorporados terão direito a alimentação e alojamento por conta do Estado, bem como ao respectivo vencimento de guarda instruindo. Finda a referida instrução e obtido aproveitamento, serão considerados guardas de 2.ª classe, com o correspondente aumento de vencimentos.

FUTEBOL

Campeonato Regional da II Divisão

FERREIRENSE, 1 - F. C. AMARES, 2

A arbitragem evitou a pesada derrota dos locais.

Deslocou-se no passado domingo a Ferreiros, o F. C. Amares, para ali defrontar o clube local em jogo a contar para o campeonato da II Divisão da A. F. de Braga.

Podendo já contar com o valioso concurso do seu treinador e ainda com a nova aquisição de Evangelino, deu a nossa equipa uma amostra mais clara do seu poder, vencendo com inteira justiça e só não indo mais longe porque a equipa de arbitragem não consentiu. Temos visto casuísticas, temos apreciado coisas terríveis por esses campos fora, mas nunca nos foi dado verificar semelhantes barbaridades como aquelas a que fomos forçados a assistir, no encontro Ferreirense - Amares. O arbitro, que se deixou levar lamentavelmente pelos seus auxiliares acabou por invalidar 3 golos dos quais dois ele próprio havia validado apontando insistentemente o centro do terreno. No primeiro golo invalidado e que seria o 3.º da nossa equipa, bem colocado como estava, deveria manter a sua decisão, pois ele vira, como aliás toda a gente, que a recarga de Zé João fora feita quando a bola vinha do guarda redes que a sacudira para a sua frente.

Tudo isto serviu para enervar os nossos jogadores, que se descontrolaram um pouco, começando a complicar aquilo que tinha sido fácil até ao momento da invalidação do primeiro golo.

O jogo foi agradável de seguir, bem disputado marcando a nossa equipa 2 golos de rajada por Zé João, que em tarde inspirada se mostrou aquele goleador que nós todos conhecemos. Acabara por marcar ainda mais dois golos de belo efeito, os tais que o arbitro invalidara depois de ter mandado a bola para o centro do terreno.

A nossa equipa venceu e convenceu. Todo o publico que assistiu à partida, quer adeptos do Ferreirense, quer os que acompanharam o clube, saíram do campo convencidos de que o Amares ganhara bem, e que tivera de lutar contra uma equipa de arbitragem que tudo fizera para que o resultado fosse modificado. Com a entrada de Janela e de Evangelino veio trazer mais poder à nossa equipa, quer na defesa onde o primeiro mostrou a sua autoridade, quer no ataque onde o segundo apesar de mal preparado e ambientado veio dar outro esclarecimento, passando ao primeiro toque, isolando com facilidade os seus colegas. Dos seus pés saíram as jogadas de maior perigo e aquelas que vieram a dar os golos de Zé João.

Para este jogo apresentou a nossa equipa a seguinte constituição: Leandro; Veloso, Janela, Cardoso e Gonçalves; Quim e Dr. Janela; Manuel António, Evangelino, Zé João e Carneiro.

Na segunda parte Evangelino cedeu o seu lugar a Amadeu, que viria também a ser substituído por Jorge Silva.

RESULTADOS GERAIS

Ferreirense 1 — Amares 2
A. Baúlhe 0 — Moreirense 7
Vilaverdense 3 — Oliveirense 0
Palmeiras 3 — Ronfe 0
Ninense 1 — Tadmim 1
Sequeirense 0 — Celeirós 0

PRÓXIMA JORNADA

Amares — Celeirós
Ferreirense — Ninense
Tadmim — Vilaverdense
Oliveirense — A. Baúlhe
Moreirense — Palmeiras
Ronfe — Sequeirense

CLASSIFICAÇÃO: Moreirense 4 pontos; Sequeirense 3; Celeirós 3; Ninense 3; AMARES 2; Tadmim 2; Palmeiras 2; Vilaverdense 2; Ronfe 2; Ferreirense 1; Oliveirense 0; A. Baúlhe 0.

5.ª COLUMNA

(Continuado da 1.ª página)

tinha razão. Não razão pelo encerramento da Sociedade dos Escritores. Também protestei. Mas contra um 1.º prémio para tal romance. E explica-se.

Eu compro, todos os anos, o 1.º prémio Goncourt, francês, pois sei muito bem que o júri elaborado para o efeito, atribui o prémio a quem de direito. O facto de alguns críticos se insubordinarem contra o veredicto, nada influi na minha mente, uma vez que isso é costume em toda a parte do mundo. E, ai de nós, se não fosse o desacordo. Isto seria a monotonia. Não! Eu classifico o júri do Goncourt como o mais inteligente do mundo na sua classificação! Pois bem!

Quando a Sociedade de Escritores Portuguesa conferiu o seu 1.º prémio a Jorge Reis, pelo romance «Matai-vos uns aos outros», logo vislumbrei falta de capacidade jurídica ou falta de escritores portugueses, nesse ano.

Estávamos em 1962. Que ele interpretou Camilo na narrativa do Ribatejo, com todas as características dum romance tipo aquiliano ou camiliano, é verdade.

Mas, justamente em 1962 não se deveria ter atribuído um 1.º prémio a um romance «tipo século XIX».

Daí a minha convicção de que a Sociedade de Escritores Portuguesa, não devendo ser encerrada, nunca teve capacidade para premiar escritores.

Desculpe, Leitor, mas o desabafo surgiu-me, frente ao «beija-mão» do tal meu amigo, sinceramente literato e convicto, face à reedição do «Luuanda».

Até à semana, se Deus quiser.

EME ABRIL

ANIVERSÁRIO

Elísio Gonçalves

Na próxima sexta-feira passa o aniversário natalício do nosso querido amigo e assíduo correspondente Senhor ELÍLIO GONÇALVES.

Como os nossos leitores têm visto, ele é bem o símbolo dos correspondentes deste semanário que ele estima e adora como coisa sua.

Sabemos, por experiência, pois com ele convivemos há anos nesta Redacção, que não gosta de ser elogiado. E se há pessoas despretensiosas e sem vaidade — e ele que podia ser pretensioso e ser vaidoso, — material e moralmente, não é. É caridoso para com os pobres que dele se abeiram. É homem que; pau é pau e pedra é pedra. E se tem de dar «charutada», tanto a dá no grande como no pequeno. Ainda há bem pouco o ouvimos dizer duas das duras a pessoa bastante influente no Distrito. Mas ele tinha que lho dizer... e disse-lho; estava na sua razão.

É assim o Elísio Gonçalves.

E nós, ao felicitá-lo pela passagem de mais um aniversário, desejamos-lhe que esta data se comemore por muitos e felizes anos junto da família que ele estremece, e que nunca a sua pena tenha descanso, para bem da Tribuna e da «saúde moral» pública.

Parabéns

MILITÃO PORTO

Somos um Concelho em progresso

Caminhando a passos rápidos, para a solução dos seus grandes problemas

(Continuado da 1.ª página)

nosso concelho se deu com todo o seu relevante valor e entusiasmo.

E que dizer desse surto extraordinário de progresso impetuoso pela iniciativa particular e que não tem confronto em concelhos distritais da nossa categoria? Quem sonharia ver esta Vila a erguer num só momento como este edifícios que representam cerca de 20 estabelecimentos e 50 habitações?

Dinâmica e dinamizante gestão que operou uma verdadeira metamorfose entre nós e que em breve nos transplantará para um lugar de honra entre os concelhos de aspirações realizadas.

O que é preciso é fazer ouvidos moucos aos que nunca fizeram nem nunca foram capazes de fazer nada e a quem

este progresso perturba pelo que representa de inacessível para si.

O que é preciso é continuar com os olhos postos nos superiores interesses do Concelho para que em breve celebremos o arranque do maior conjunto agro-pecuário e industrial do Distrito, a inauguração do Palácio da Justiça, o funcionamento da 2.ª fase da Santa Casa, o alargamento do Ciclo Preparatório, etc.

Volta a falar-se em eleições; erguem-se, como sempre, em ponta-de-pés, aqueles que querem ser, sem nunca, por obras visíveis, o terem merecido.

Também neste aspecto nos basta repetir o que fizemos no acto anterior, tornando o concelho impenetrável às oposições duma maneira sintomática que serviu de remoque para certas ironias.

Como se vê o que é preciso é só continuar.

Os Estados Unidos na Europa?

(Continuado da 1.ª página)

Mas bem observada também não pode trazer consequências de meritório sentido.

Bem se sabe que a concentração técnica é hoje uma finalidade de sobrevivência. Sobre este estado presente da Economia podíamos dissertar com larguesa de portmores, embora sem larguesa de vistas, naturalmente porque não somos economistas. Mas se ela consente

aproveitar realmente o pleno rendimento da condição humana — e não humanística — proporcionando ao Homem menor labor e maior aquisição do necessário, também O prejudica no auto consentimento de imolar a sua personalidade sob a designação do nome, por exemplo, que passará a ser um número, sob o aspecto social que derivará para o individualismo, sob a égide dum comando único, que O avassalará na contingente medida de viver unicamente para o lar, aonde encontraria, certamente, a maior comodidade de sempre.

Exactamente esse desinteresse, depois, pelas espiritualidades que ainda o mundo de hoje permite, acabaria por tornar insípida uma vida monótona a que a Técnica pode votar o Homem.

Em política o mesmo se virá a debater e a realizar. Os Estados concentrados, como à primeira vista parece tiram o interesse do indivíduo pela vida pública. E seremos governados tecnicamente ficando cada assunto particular contingentemente subordinado ao assunto colectivo.

Para mim, o federalismo europeu é mais um dos mitos que se pretende impigir ao nacional de cada país da Europa.